

luna



Revista portuguesa de
estudos germanísticos

n.º 5-6 / 1986

Américo Enes Monteiro

FREDERICO NIETZSCHE E RAUL PROENÇA ASPECTOS DE RECEPÇÃO *

Desde cedo que os intelectuais portugueses se viram confrontados com o pensamento de Frederico Nietzsche, procurando compreender e interpretar a sua doutrina de pendor inopinado e desconcertante¹. Já em 1893 o jornal lisboeta *Novidades* de 23-9, de que era então director Barbosa Colen, publicava, sem indicação de autor, um artigo intitulado «A nova moda filosófica — o neo-aristocracismo — Frederico Nietzsche». Aí é apresentado o neo-aristocracismo como núcleo do pensamento nietzschiano e sublinha-se que as teorias do «estranho germânico» constituem a nova moda filosófica. Lamenta-se a quase certeza de o nome de Nietzsche, o autor do *Ainsi Parla Zara Thustra* [sic], ser desconhecido para alguns leitores. Sublinhe-se a «terrível» influência

* Este trabalho constitui parte integrante doutro de maior fôlego que trazemos entre mãos sobre a recepção de Frederico Nietzsche na Cultura Portuguesa e que tencionamos apresentar à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, como tese de doutoramento em Línguas e Literaturas Modernas. Queremos deixar aqui exarada uma palavra de agradecimento à Doutora Maria Manuela Delille pelas sugestões autorizadas e valiosas que nos prodigalizou durante a elaboração deste ensaio.

que a doutrina nietzschiana teve sobre a mocidade alemã, doutrina condensável em dois únicos aforismos:

— nada é verdadeiro e tudo é permitido;

— verdade, mal, bem, Deus são palavras já sem significado.

Por isso Nietzsche é merecedor do tríplice epíteto de pessimista, anarquista e cínico.

Estamos, pois, perante uma imagem de cunho vincadamente negativo e deturpado do malogrado profeta de Zaratustra e do seu proteico pensamento. É a esta luz, aliás, que, nesse fim do século, muitos dos nossos pensadores e jovens literatos verão e interpretarão Nietzsche e a sua obra. Para esta visão deve ter contribuído o livro de Max Nordau, *Entartung* (2 vols., 1892-1893), cuja tradução francesa, *Dégénérescence*, aparece em 1894. Aí, Nordau debruça-se sobre uma série de autores, tais como: Paul Verlaine, Stéphane Mallarmé, Leão Tolstoi, Richard Wagner, Henrik Ibsen e, naturalmente, Frederico Nietzsche, a quem dedica 99 páginas da obra. Depois de analisar a produção mais representativa de todos eles e de detectar as suas características mais marcantes, conclui pelo desequilíbrio mental dos respectivos autores. O seu corolário é que tais personagens e suas obras, por isso mesmo, não são merecedoras do nosso apreço. As posições assumidas por Nordau foram conhecidas de Manuel Laranjeira e mereceram o seu particular interesse. É o que depreendemos de dois artigos seus publicados em revistas portuenses dos finais do século passado e princípios deste². Daí deduzimos igualmente que ele se distancia das posições de Nordau, sobretudo no que respeita à conexão de génio, loucura e crime. Ouçamo-lo no segundo dos citados artigos:

Porque em face da análise psicológica não há hesitação possível: o génio é o génio e o crime é o crime. Poderia objectar-se que as três modalidades se podem entrelaçar, sobrepor, exemplificando-se a objecção com a epilepsia de Molière e Dostoiewsky, com a demência de Nietzsche, com os crimes de Celini e Goya. ... Podem entrelaçar-se, sobrepor-se, associar-se, mas isso não significa que a existência de uma delas implique necessariamente a existência das outras, nem tão pouco que pela existência de uma delas se possa condenar ou redimir as outras, como por exemplo Nordau, que para derrubar o génio de Nietzsche lhe opunha a sua loucura³.

Os primeiros contactos com a obra de Nietzsche fizeram-se através de traduções, primeiro francesas, depois espanholas e portuguesas. Em França, a partir de 1892, o *Mercure de France*

edita a obra do autor de *A Origem da Tragédia* em tradução saída predominantemente da pena de Henri Albert, o qual, na mesma revista, também publica inúmeros artigos sobre o filósofo ⁴. Em Espanha, em 1899, aparecia a primeira tradução, *Así hablaba Zaratustra*, da autoria de José Lázaro e publicada em Madrid ⁵. Das traduções portuguesas em volume as mais antigas que conhecemos remontam a 1913, respectivamente *Como falava Zaratustra* e *A Genealogia da Moral* ⁶.

Nas primeiras décadas deste século foram sobretudo os iniciadores de *A Águia* (1.º n.º 1-12-1910) e da *Seara Nova* (1.º n.º 15-10-1921) que se entregaram à reflexão sobre as «audaciosas teses» propostas e defendidas pelo eremita de Sils-Maria. Interessaram-se por Nietzsche para o estudar, para o interpretar, para o admirar ou rejeitar, ou até simplesmente para o citar, a propósito e por vezes também fora de propósito, homens como Teixeira de Pascoais, Veiga Simões, Villa-Moura, Leonardo Coimbra, António Sérgio, José Teixeira Rego, Jaime Cortesão, Sampaio Bruno..., e sobretudo Raul Proença.

Numa primeira abordagem da recepção de Frederico Nietzsche por parte do polígrafo das Caldas, debruçar-nos-emos preferencialmente sobre o problema do Eterno Retorno, pondo oportunamente em evidência outros ecos temáticos e estilísticos que a leitura de Nietzsche nele deixou.

O pensamento de Raul Proença (1884-1941) consubstancia-se em colaboração profusa em inúmeras publicações periódicas. Encontramo-la pela primeira vez no semanário político, literário, agrícola, desportivo e noticioso das Caldas da Rainha, *O Círculo das Caldas*, no n.º 467 de 1-8-1904, com um artigo sobre a teoria de Malthus. E vamos encontrá-la, depois, um pouco difusa por todo o lado, até alguns meses da sua morte, ocorrida em 21 de Maio de 1941. Essa colaboração revela-nos um pensamento que não se movimenta no descomprometimento dos espaços estéticos, mas se situa no ponto de atrito entre o indivíduo e a história. Porque se sente interpelado por tal atrito, censura asperamente o irracionalismo dos intelectuais modernos, exprobando-lhes «esse *estetismo* mal aplicado, essa verdadeira perversão do espírito que, em coisas que dependem do puro intelecto ou da razão prática, faz intervir a sensibilidade artística como inspiradora das normas ou fundamento de critério» ⁷.

Ao pretendermos penetrar nas normas e nos critérios que pautam o pensamento de Proença somos forçados a partilhar a mesma

sensação experimentada por Joel Serrão em 1971, ao redigir «Aproximação do pensamento de Raul Proença», de que a sua personalidade e o seu pensamento se nos escapam ainda à plena compreensão⁸. E aqui surge-nos o primeiro paralelismo, extrínseco e dramático, entre o pensamento de Nietzsche e de Proença. Ambos foram abruptamente cortados pela penumbra da alienação mental em que um e outro mergulharam nos finais de suas vidas. Paralelismo de que se faz eco José Rodrigues Miguéis:

Uma tarde, em Bruxelas, estava eu sentado à mesa do Café de L'Horloge, a ler sofregamente *L'Effondrement de Nietzsche*, do psiquiatra Podach, que acabara de comprar, quando alguém me trouxe a correspondência chegada à pensão onde almoçávamos. Havia uma carta de Jaime Cortesão, abri-a logo. Dava-me, em sóbrios e comovidos termos, a notícia da crise mental por que o nosso amigo — meu ídolo e mestre — Raul Proença acabava de sofrer em Paris. Destruíra parte dos móveis e mais recheio do modesto apartamento onde vivia com a família, e, seminu e sangrento, pusera-se à janela a bradar imprecações contra amigos e conhecidos, como se de inimigos se tratasse. Tinham sido precisos quatro ou cinco homens para o dominar e levar, no colete-de-forças, para o hospital, onde ficou internado. O diagnóstico do Prof. Henri Claude, que o havia de tratar, foi complexo: esquizofrenia com episódios paranoídes e tendências autodestrutivas⁹.

Esta crise mental que, em 1931, irrompeu na vida de Raul Proença, embora tracejada por períodos de lucidez febril, impediu que o seu pensamento alcançasse o grau de plena explicitação. A esquizofrenia foi efectivamente o pano caído antes do final do último acto. Tal como Nietzsche, também Raul Proença é senhor dum pensamento essencialmente assistemático e a quase inexistência de filosofemas mergulha-nos em verdadeiras aporias.

O centenário do nascimento de Proença, ocorrido em 1984, ficou assinalado por uma série de iniciativas conducentes a arranjar a um inevitável olvido, em que se ia afundando lentamente, o estudioso de Nietzsche. Entre elas é de destacar a edição duma colectânea, intitulada *Raul Proença, Antologia*, com os principais escritos de R. Proença, seleccionados, prefaciados e anotados por António Reis. No 1.º volume já publicado dessa antologia, o qual contém textos de teor político, escreve este estudioso, referindo-se ao pensamento filosófico de Proença:

(...) encontramos perante uma soma de reflexões sobre diferentes questões que desaguam ou fluem, em última análise, da preocupação ética. É neste domínio que Proença alcança alguma originalidade na for-

mulação de uma ética do heroísmo, agnóstica e libertária, voluntarista e apologista do progresso e do acto criador, por onde perpassa o sopro das influências algo contraditórias de Kant e Nietzsche, superiormente condensadas numa síntese muito pessoal. Importante estudo que empreendeu sobre a doutrina do eterno retorno é todo ele orientado, afinal de contas, pela preocupação de melhor fundamentar esta ética, num diálogo privilegiado e fecundo com um Nietzsche simultaneamente assumido e negado ¹⁰.

O tema do Eterno Retorno mereceu uma grande atenção a Raul Proença. Efectivamente dedicou-lhe um extenso trabalho, ainda inédito na quase totalidade ¹¹, o qual, do ponto de vista do autor, na «linha geral da sua marcha tem sobretudo relação com a doutrina e a obra de Nietzsche» ¹².

Cingindo-nos aos capítulos já publicados, tentaremos analisar neste primeiro trabalho o diálogo crítico que nesses escritos se processa com as doutrinas nietzschianas, estabelecendo a natureza e a extensão desse mesmo diálogo.

Proença manifestou pela primeira vez interesse pela doutrina do Eterno Retorno em 1916 e dele se faz eco Jaime Cortesão que na revista *Atlântida* escreve:

Tenho um amigo que se deu ao trabalho de estudar a ascendência do *retour-éternel* — trave mestra da filosofia nietscheana [sic], orgulho daquele homem que para divergir de toda a humanidade, inverteu de alto a baixo a velha tábua dos valores morais. Resultado: aquela ideia é tão velha como a própria filosofia ¹³.

Como factor explicativo que desencadeou esse subitâneo interesse pela teoria retornista, tem-se apresentado o choque sofrido pelo pensador das Caldas no ano anterior, a quando da morte do seu único filho varão, Jaime, de um ano de idade. É certo que Proença protesta «contra a afirmação, por vários autores feita, de que a origem psicológica do Eterno Retorno se deve procurar nas necessidades psicológicas ou sentimentos da alma humana» ¹⁴. No caso vertente não se trata, porém, da origem da doutrina do Eterno Retorno, mas da origem do interesse pela mesma. Proença via-se sobretudo confrontado com um dilema de laivos de verdadeira aporia, a saber: terá sentido protagonizar uma «Acção Idealista no mundo real» ¹⁵, quando esse mundo se vai repetir indefinidamente idêntico a si próprio?

Proença elucida-nos pormenorizadamente sobre a textura do trabalho em estudo. Em 1939, dois anos antes da sua morte, numa

resenha publicada por Sant'Anna Dionísio¹⁶, dava-nos conta de que o seu trabalho se compunha de 13 capítulos, esboçando em traços gerais o conteúdo de cada um deles. Com base nessa resenha apresentamos a seguir a temática de cada um dos capítulos:

- Capítulo I — A doutrina do Eterno Retorno em Nietzsche.
- Capítulo II — Formas Frustradas do Eterno Retorno.
- Capítulo III — A teoria do Eterno Retorno nos antigos.
- Capítulo IV — O Eterno Retorno após a implantação do cristianismo e a reacção cristã.
- Capítulo V — O Eterno Retorno nos tempos modernos.
- Capítulo VI — Retorno e identidade numérica.
- Capítulo VII — Originalidade de Nietzsche e da sua doutrina retornista.
- Capítulo VIII — Fundamentos das doutrinas retornistas.
- Capítulo IX — Questões metafísicas ligadas com o Eterno Retorno.
- Capítulo X — Exame das principais objecções à doutrina do Eterno Retorno.
- Capítulo XI — Objecções pessoais às doutrinas retornistas.
- Capítulo XII — As contradições de Nietzsche.
- Capítulo XIII — Consequências pragmáticas do Eterno Retorno.

Compulsando as revistas em que Proença deixou profusamente dispersa a sua colaboração, constatamos que deste estudo se encontram publicados, no todo ou em parte, os seguintes capítulos¹⁷.

Capítulo I — Publicado parcialmente em 1918 sob o título «O Eterno Retorno e o optimismo de Nietzsche», na revista *Atlântida*, e na totalidade em 1940 sob o título «O Eterno Retorno em Nietzsche», na *Revista de Portugal*¹⁸.

Capítulo II — Publicado parcial e postumamente por Sant'Anna Dionísio sob o título «As formas frustradas do Eterno Retorno»¹⁹.

Capítulos III e V — Destes dois capítulos há excertos publicados em *A Águia* com os títulos «A Infinitude dos Mundos e o Eterno Retorno em Demócrito» e «O Eterno Retorno nos antigos e nos modernos»²⁰.

Capítulo XII — Publicado parcial e postumamente por Sant'Anna Dionísio sob o título «As contradições de Nietzsche»²¹.

Para elaborar este seu trabalho, e reagindo contra um estado

de coisas que ele próprio denuncia: «a literatura e a filosofia vinham-nos feitas da metrópole gaulesa. Intelectualmente, parecíamos uma colónia de França»²², Proença lê Nietzsche no original e recorre a obras alemãs de apoio. É o que constatamos ao lermos as citações e anotações ao longo dos vários artigos, embora constataremos igualmente que não prescinde em absoluto de traduções francesas e obras críticas na mesma língua. Explicitaremos este aspecto ao examinarmos os capítulos já publicados.

Dois factos ligados à I Guerra Mundial fizeram-no interromper o trabalho. Primeiro as dificuldades nas ligações postais entre Portugal e a Alemanha impediam o envio de livros que Proença reputava de capital importância para a prossecução de suas investigações; depois a incorporação no exército nos princípios de 1918.

A doutrina nietzschiana do Eterno Retorno impressionou e marcou profundamente Raul Proença. Escrevendo «Sobre a existência de Deus e a lealdade de consciência», afirma:

Essa teoria do retorno (...) foi a experiência mais importante e decisiva de toda a minha existência. Ela foi a pedra de toque, a prova essencial do meu amor pela verdade e pela lealdade do pensamento. A minha primeira atitude em face desse problema angustiante foi a de repulsa e de horror. ... Mas venci as minhas repugnâncias, fiz um esforço de pensamento claro e desinteressado, e cheguei à conclusão de que a teoria do eterno retorno é exacta na medida mesma em que o for o atomismo²³.

Esta doutrina leu-a Proença em *Götzen-Dämmerung* (O Crepúsculo dos ídolos), *Die Fröhliche Wissenschaft* (A Gaia Ciência) e sobretudo em *Also Sprach Zarathustra* (Assim Falou Zarathustra), mas também em *Ecce Homo* e *Jenseits von Gut und Böse* (Para além do Bem e do Mal). Desta leitura e da reflexão sobre essa doutrina ficou-lhe a convicção de que ela constitui, afinal de contas, o núcleo de toda a filosofia, pois, na sua óptica, aquilo que o homem pode esperar para si ou para os outros lhe anda intimamente associado. É «o problema da nossa sorte e da sorte do universo»²⁴.

Sintomaticamente Proença abre o primeiro capítulo do seu trabalho — o Eterno Retorno em Nietzsche — com uma epígrafe extraída de *Götzen-Dämmerung*: «(...) eu, o último discípulo do filósofo Dionysos — eu, mestre do Eterno Retorno.» Ao percorrermos este primeiro capítulo, e como já atrás deixámos referenciado, de imediato nos damos conta de que Proença leu Nietzsche

no original alemão, ao arripio do que era então corrente, pois lia-se e citava-se Nietzsche a partir da tradução francesa. Pelas anotações esparsas ao longo do seu trabalho concluímos que Proença dispunha da *Grossoktavausgabe* das obras de Nietzsche, editadas pelo Nietzsche-Archiv, fundado em Naumburg em 1894 por Elisabeth Förster-Nietzsche, irmã do visionário, e transferido para Weimar em 1897²⁵.

Proença começa por debater-se com as coordenadas filosóficas que podem postular uma doutrina do Eterno Retorno e às quais já nos referimos acima, ao abordarmos as implicações antropológicas e escatológicas dessa mesma doutrina. Desconcerta em Proença a constatação dum certo antagonismo entre o entusiasmo por ele experimentado ao contactar em Nietzsche a teoria retornista, entusiasmo já por nós acima focalizado, e a contestação da originalidade e do alcance vivencial de que o mestre do Eterno Retorno tanto se ufana²⁶. Por outro lado, deixa-se empolgar pela forma como o retornismo é exposto, particularmente no *Also sprach Zarathustra*, livro que Proença apelida de «um grande poema musical, um poema sinfónico, (...), um poema wagneriano»²⁷. O respigo e a exegese das passagens que, ao longo das quatro partes desse «poema sinfónico», constituem, ou para Proença parecem constituir, a componente nuclear do Eterno Retorno ocupam espaço preponderante no trabalho em estudo. Essa hermenêutica leva Proença à conclusão (que lhe é aliás tão cara) de que o Eterno Retorno constitui como que um *Ersatz* às «concepções escatológicas do cristianismo e da verdadeira moral religiosa»²⁸. Ele próprio tem também o seu *Ersatz* a essas mesmas concepções na sua ética laica explanada num outro trabalho sobre o qual nos debruçaremos um pouco mais adiante.

Na sua abordagem do retornismo nietzschiano o autor de «Para um evangelho duma acção idealista no mundo real» deixa-se frequentemente guiar pela mão de Henri Lichtenberger, o fundador do Institut d'Études Germaniques da Sorbonne e autor de *La Philosophie de Nietzsche*. Esta obra aparecida em 1898 é o primeiro estudo de fôlego sobre Nietzsche publicado em França. Proença dispunha da 13.ª edição. E, como não podia deixar de ser, recorre também ao autor então em voga, Max Nordau, que lê em tradução francesa. Este interpreta o pensamento de Nietzsche como fruto dum desmoronamento da sua personalidade. Proença está em desacordo com Nordau nesta maneira de ver Nietzsche e o seu pensamento e sobretudo na tentativa de querer descobrir na teoria

retornista «estigmas de degenerescência», bem como na acusação de que se está perante um lugar-comum²⁹.

A partir de determinada altura a redacção da última parte do capítulo contido na *Revista de Portugal* diverge daquela que encontramos em *Atlântida*. Nem admira. No espaço de tempo que medeia entre 1918 e 1940 Proença teve oportunidade de fazer novas leituras e de ter acesso a obras que nos anos 1917-1918 lhe estavam vedadas, dado o corte de relações postais entre Portugal e a Alemanha a que já nos referimos. É o caso da obra de Hans Vaihinger *Nietzsche als Philosoph*, que lhe serviu de chave para abrir muitas portas na leitura e compreensão do discurso de Zaratustra, nomeadamente do capítulo da quarta parte, o qual contém o célebre estribilho de Zaratustra — *Zarathustra's Rundgesang*: «Oh Mensch! Gieb Acht!»³⁰ Aí Proença vê uma iniludível afirmação de vida, expressa numa alegria que tudo quer, mesmo a dor, o sofrimento, o fel, os túmulos.

Na segunda versão deste primeiro capítulo Proença descobre a dupla componente de optimismo e de pessimismo que envolve a ideia do Eterno Retorno. Ela é geradora de esperança, de júbilo, de exaltação, mas é igualmente fonte de terror, de depressão. As tonalidades ditirâmicas alternam com matizes elegíacos. «São assim reconhecíveis três fases na atitude de Zaratustra perante o eterno retorno: um optimismo prévio, como o fruto duma descoberta de que se não mediu ainda todo o alcance, um simples presentimento; um pessimismo intercalar, quando se lhe notou a possibilidade de perspectivas menos felizes; e, por fim, um optimismo definitivo ao ter sido encontrado um *modus vivendi*, um possibilismo da teoria, no ambiente e na atmosfera das outras doutrinas zaratuísticas»³¹. Faz igualmente a descoberta de que «Zaratustra está em contradição com Nietzsche, Zaratustra e Nietzsche em contradição consigo próprios, o conjunto da sua obra 'mais pessoal' e o seu *Hauptgedanke* em contradição com todos ou quase todos os seus outros pensamentos»³². A análise dessas contradições constitui o conteúdo do capítulo XII do trabalho em estudo, como já acima referimos. Talvez que uma leitura mais aprofundada e mais completa da obra de Nietzsche por parte de Proença tivessem revelado ao seu espírito perspicaz a harmonia latente por detrás dessa suposta, se bem que aparente, contradição entre Zaratustra e Nietzsche, subjacente à guerra entre o filósofo da veracidade e o filósofo da vontade de poder³³. Teria com certeza descoberto essa «*Kontinuität in der Entwicklung*» (continuidade

no desenvolvimento), essa «*innere Einheit*» (unidade interior) de que nos fala Giorgio Colli³⁴. É também certo que Proença volta sobre o seu próprio pensamento e reconhece que foi um tanto radical e por isso procura matizar o seu juízo acrescentando: «Com isto não quero dizer que em Nietzsche não haja nenhuma unidade de pensamento, nenhum centro de gravidade, nenhuma constantes, e que toda a sua doutrinação seja absolutamente caleidoscópica»³⁵.

O problema de saber se, ao estabelecer a doutrina retornista, Nietzsche fez ou não uma opção essencialmente otimista parece obcecar Proença. Receoso de que a sua inclinação pela predominância da componente otimista não tenha ficado suficientemente vincada, insiste em que «Para Nietzsche (...) o nosso momento mais alegre e jubiloso é como que a mais alta montanha a que subimos, para daí abençoar a vida.» E continua: «o optimismo é nele levado a um ponto tal que não aceita apenas a vida tal como ela é, mas a quer ver repetida eternamente, com as mesmas dores e as mesmas alegrias. E com as mesmas alegrias, porque é esse o preço de reprodução do Maior Instante»³⁶. Mas pessoalmente Proença não se deixa contaminar por esse optimismo em que tanto insiste. «E todavia eu não posso aceitar a doutrina optimista do filósofo de Zaratustra... Porque hei-de abençoar a vida, por um só instante de prazer magnífico e não a hei-de antes amaldiçoar, por um único momento de dor incomportável?»³⁷ E Schopenhauer a erguer-se no horizonte proençano como também se erguera no horizonte nietzschiano. Apesar do duelo travado para esconjurar a sombra de Schopenhauer, Nietzsche não conseguiu calá-lo totalmente dentro de si.

Proença lamenta Nietzsche pela confusão por este feita entre o prazer e a felicidade, resignando-se à eternidade do prazer em vez de aspirar à verdadeira felicidade e empenhar-se na sua construção. Na sua maneira de ver, Nietzsche teria merecido algo mais que o mero *Wiederholungspiel* de que fala Heine nos seus *Reisebilder*. Admite que ao empenhar-se na doutrina do Eterno Retorno Nietzsche deu provas de coragem, mas acha «que se dá ainda maior prova de humanidade e de grandeza querendo a continuidade e a prolação, a *profunda, profunda Eternidade* — vontade que está no fundo de toda a verdadeira moral religiosa»³⁸. Posição que não deixa de intrigar, quando assumida por quem se empenhou em defender uma moralidade sem componente religiosa. Note-se, porém, que se curva perante a atitude de Nietzsche,

o qual, tendo motivos mais que suficientes para amaldiçoar a vida, a cantou e amou até final. E Proença termina o capítulo do seu trabalho com uma profissão de fé do arrebatamento que a leitura do *Assim falava Zaratustra* nele despertou. Embora não se sentindo irmanado com o autor quanto ao seu ideário, a contextura da obra empolga-o. Por isso refere-se-lhe como à «obra-prima de Nietzsche». E mais uma vez, num rápido paralelismo entre o *Zaratustra* e o *Eclesiastes* da Bíblia, sublinha o optimismo subjacente ao retormismo nietzschiano, escrevendo:

Na história da literatura do mundo, *Zaratustra* ocupa o pólo oposto do velho *Eclesiastes*. Ambos eles afirmam, a seu modo, a eterna repetição das mesmas coisas, ambos eles negam um sentido, um verdadeiro sentido, à vida humana e à vida universal. Mas perante a monotonia de existência, ante a vertigem do eterno rodopio, este abre na árida planície da Judea um largo bocejo de enfado e de amargura, enquanto aquele levanta nas verdes alturas de Engadina, por sobre o mundo, um clamor de triunfo e de alegria. Este é o poema elegíaco do Retorno, aquele o seu poema ditirâmico. *Zaratustra* é o *nihil sub sole novum* do *Eclesiastes* transposto em optimismo³⁰.

Falando das *Formas Frustes do Eterno Retorno*, tema de que, como vimos, se ocupa o capítulo segundo do trabalho em análise, Raul Proença mais uma vez se faz eco da admiração que nutre pelo profeta desta doutrina ao afirmar que «a doutrina do Eterno Retorno representa, da parte de Nietzsche, uma disposição heróica perante a vida»⁴⁰. Se esta disposição desperta a admiração do polígrafo das Caldas, já o seu entusiasmo esmorece ao pôr-se o problema da originalidade e do valor intrínseco dessa doutrina.

Proença fala das «formas frustes» do Eterno Retorno para indicar as duas maneiras como este conceito pode e tem sido assumido. Pode significar uma repetição específica dos factos e das coisas, quer dizer, um ciclo de acontecimentos é absolutamente idêntico ao que o precedeu e sê-lo-á àquele que se lhe há-de seguir. Por outras palavras, tudo o que já aconteceu goza de total identidade com o que agora está a acontecer e os acontecimentos actuais terão repetição idêntica no futuro. Os acontecimentos, as coisas e as pessoas repetem-se na mesma ordem, uma infinidade de vezes. Esta é a doutrina do Eterno Retorno *stricto sensu*. Podemos também referir-nos a uma repetição genérica, i. é, aquilo que nas coisas e nos acontecimentos há de individual e de específico é irrepitível; o que se repete são as grandes classes de fenómenos. Há semelhança, sem contudo haver identidade. Estaríamos neste

caso perante aquilo a que Proença chama «formas frustes». Na sua interpretação elas estariam em oposição diametral àquilo que Nietzsche entendeu por Eterno Retorno. Note-se de passagem que modernos comentaristas de Nietzsche interpretam o seu posicionamento face a esta doutrina numa linha que nos autoriza a considerar o retornismo nietzschiano também como uma «forma fruste» do Eterno Retorno⁴¹. Proença, porém, exclui o retorno nietzschiano das «formas frustes».

Fácil é constatar o profundo interesse e a grande atenção que Proença dedicou à doutrina retornista. Deixámos atrás explanadas as razões que nos pareceram susceptíveis de explicar esse interesse. Mas o entusiasmo manifestado por essa teoria poderia induzir em erro o leitor desprevenido e levá-lo a admitir que Proença tenha assumido essa mesma doutrina. Foi o caso de Sant'Anna Dionísio. Num artigo intitulado «Uma dificuldade Preliminar do Pensamento de Raul Proença»⁴² (publicado em *Seara Nova*, n.º 550, 26-2-1938, p. 78), depois de mostrar que Proença professa a crença na responsabilidade da liberdade humana na evolução dos acontecimentos no universo e na permeabilidade da natureza «às ambições morais do homem», Sant'Anna Dionísio confessa que essa crença não se coaduna com a sua

«adesão à antiga teoria cosmológica do eterno retorno. Implicando a sua teorização política um universo estruturalmente contingente no seu devir, e não se encontrando nos escritos últimos do doutrinário nenhum sinal de desistência da crença do eterno retorno, antes, pelo contrário, haja indícios e testemunhos de que, na fase mesmo em que mais ardente foi a sua apologia de intervenção, o seu espírito persistiu em admitir a verosimilhança do processo cíclico, não é fácil ver como se possa conciliar tal antagonismo» (p. 78).

É efectivamente uma grande dificuldade preliminar, depois de admitir como verosímil o processo cíclico, continuar a defender a intervenção decisiva das ideias no curso dos acontecimentos. Sant'Anna recorre à explicação freudiana para justificar que subjacente à inteligência há outras motivações de cunho inconsciente, mais antigas e irreconciliáveis com essa «realidade adventícia», a inteligência. São as «interferências afectivas, místicas ou humorais, que muitas vezes não se fazem exprimir por simples fugas de paradoxalidade acidentais, mas por verdadeiras contracorrentes concepacionais, opostas às linhas de demonstração que no pensamento dialéctico se desenham» (p. 79). Dionísio sugere que,

à imitação de Nietzsche, também Proença está possesso da ideia retornista. Nietzsche no *Ecce Homo* fala do Eterno Retorno como de *Hauptgedanke* e *Grundkonzeption*. Proença fala do mesmo conceito como da «experiência mais importante e decisiva de toda a minha existência».

Porém, a asserção de Sant'Anna Dionísio teve sobre ele, já então mergulhado na penumbra da crise mental que o assolara e que o remetera para um silêncio literário que durava há anos, o efeito duma violenta chicotada psicológica, acordando-o para um veemente desmentido publicado no n.º 555 da *Seara Nova* de 2 de Abril de 1938 e intitulado «Sobre a teoria do Eterno Retorno». Aí afirma peremptoriamente não ter aderido à doutrina retornista e censura com aspereza Dionísio por este ter dado mais crédito ao testemunho alheio do que às explícitas e inequívocas afirmações por si feitas em revistas, concretamente em *A Águia*, da não comunhão da crença em tal doutrina, mas sim duma formal oposição: «Se Santana Dionísio tivesse recorrido aos meus papéis manuscritos, aí encontraria passos ainda mais elucidativos e concludentes, pelos quais inferiria o meu absoluto antagonismo com tal teoria» (p. 193). E passa a expor as razões desse antagonismo. A promessa do retorno é uma promessa desencorajante, porque faz com que percamos o respeito de nós próprios. Chama a Zaratustra mentiroso, porque, ao pregar o Eterno Retorno, promete uma eternidade ilusória. Afirma, sem reboços, ser o crítico opositor da tese cosmológica e não o seu sequaz e partidário, como supôs Dionísio, por todas as razões apontadas, mas também porque, a verificar-se o retorno, ele seria sem interesse do ponto de vista efectivo. Por isso afirma:

Que o desejo de tornar a ver fosse o que fosse e quem fosse não deveria, pois, influenciar-me, e constituir, por assim dizer, a secreta *vis* que me conduziria a tal doutrina, visto bem saber, como se deduz, do passo atrás citado, que «o eterno retorno de nós próprios nos não interessa pessoalmente», porque, onde há repetições, em dois ciclos diferentes, do mesmo agregado de átomos, não há evidentemente aquela continuidade sem a qual se não pode conceber a constância da mesma personalidade, e portanto eternidade para ela. Que me interessaria que voltasse amanhã um Raul Proença absolutamente idêntico ao de hoje, e que até se chamaria com esse nome, que me interessaria que voltassem outras pessoas idênticas às que conheci, se nem uns nem outros seríamos já os mesmos numericamente (embora fôssemos idênticos *idem specie*), se já nem eu era eu, nem o outro era ele mesmo, mas *outro outro*, se assim

me posso exprimir? Esta absoluta e irreductível *alteridade* excluiria todo o interesse por tal fantástica e illusória ressurreição.

E um pouco mais adiante:

O eterno retorno de nós próprios, e dos nossos melhores momentos, e das pessoas que mais estimámos, nos não interessa pessoalmente (p. 195).

Desmentido tão formal e tão incisivo mostra à saciedade que, apesar do grande interesse mostrado por Proença pelo estudo da doutrina do Eterno Retorno, em momento algum ele significou ou implicou uma assumpção pessoal da mesma.

No capítulo XII do trabalho em análise Proença aborda, como acima deixámos dito, o problema das contradições de Nietzsche e, ao fazer essa abordagem, começa por colocar, a nosso ver, uma falsa questão ao perguntar-se qual é o lugar da doutrina do Eterno Retorno na filosofia do pensador alemão. Efectivamente não há doutrina onde não há uma justificação deductiva e em Nietzsche ela está totalmente ausente. Não enfeitando essas contradições, e depois de se insurgir contra o método seguido por muitos de tentar conciliar os contrários, Proença empenha-se em encontrar para elas uma justificação que reveste aspectos vários. Primeiramente, atribui-as à evolução intelectual, à vivacidade de inteligência, à riqueza e exuberância subjacentes ao pensamento nietzschiano. Em segundo lugar justifica-se pela aversão quase congénita que Nietzsche manifesta contra tudo o que é sistema e da qual faz confissão pública particularmente no aforismo 26 da sua *Götzen-Dämmerung*:

*ich misstrauere allen Systematikern und gehe ihnen aus dem Weg.
Der Wille zum System ist ein Mangel an Rechtschaffenheit* ².

Desconfio de todos os sistemáticos e evito os seus caminhos. A vontade de sistema é uma falta de probidade.

Uma terceira justificação reside no pendor nietzschiano para tudo o que seja a-lógico, na desconfiança face à razão, «causa pela qual falsificamos o testemunho dos sentimentos». O facto de Nietzsche filosofar mais com o martelo do que com o intelecto, i. é, de o seu pensamento ser o fruto das suas reacções e conflitos de momento, fornece a quarta razão das suas contradições. A sua obra *Götzen-Dämmerung* tem sintomaticamente como subtítulo *Wie man mit dem Hammer philosophiert*.

Finalmente, porque a própria maneira como Nietzsche compôs a maior parte das suas obras (por aforismos, em que as ideias não são em geral postas em confronto ou filiação lógica, sem formar um sistema perfeitamente concatenado) se presta bastante para que um filósofo, quando não é uma cabeça inteiramente sistemática, não repare nas suas contradições (e como o seu temperamento, afinal, era sempre satisfeito, ele não se lembrava de exigir mais) “.

Proença não se coíbe de acoiar Nietzsche de pensador inconsequente consigo mesmo, ilógico, «mais artista e poeta do que pensador» o qual «procura acima de tudo satisfazer, não necessidades de ordem intelectual, mas necessidades íntimas de sentimento e de vontade». Essa inconsequência existe, pois, tão somente a nível do intelecto, que não no campo do temperamento. É o eterno confronto entre a apolíneo e o dionisíaco, entre a razão e a vida. Conflito que tanto Nietzsche como Proença deixam bem vincado na sua obra. Para ambos são boas as ideias que não se opõem à «vida», mas são más e rejeitáveis as que com ela não se conciliam. É à luz desta convicção que Proença escreveu artigos como «Divórcio» (*A República*, n.º 133, 85-8-1908), «A moral do adultério» (*Alma Nacional*, n.º 27, de 11-8-1910) e «A mentira sexual» (*ibidem*, n.º 34, de 29-9-1910). Se classifica Nietzsche de utilitário e hedonista, se acha que para ele é o prazer e a alegria que justificam a vida, se é de opinião que ele pretendeu criar uma nova tábua de valores românticos, tudo isso o poderia ter afirmado, em parte, acerca de si próprio.

Esse hedonismo e esse utilitarismo, nota Proença, surgem-nos só no *Anti-Cristo* e no *Ecce Homo* porque no *Assim falava Zaratustra* já deparamos com outro Nietzsche. Um Nietzsche que se insurge contra a paz, contra a satisfação de nós próprios, contra o comodismo, valores que só são defendidos pelos «últimos dos homens», longe da escala axiológica do Super-Homem que Zaratustra pretende revelar-lhes. Em suma, um Nietzsche nada apolíneo, um Nietzsche que se contradiz, porque também quis estar em contradição com os outros, quis «abdicar do mau gosto de pretender estar de acordo com muitos». Foi assim que chegou a ser o que foi, obedecendo ao subtítulo que deu ao *Ecce Homo* «Como se chega a ser o que se é». «Para ele a virtude não está *in medio*, mas *in extremis*»⁴⁵.

Perante essa fobia sentida por Nietzsche face «ao mau gosto de pretender estar de acordo com muitos», Proença interroga-se sobre o que ele teria sido se tivesse assistido ao nascimento do

nacional-socialismo com o seu belicismo, o seu racismo, o seu anti-semitismo, o seu militarismo; se mais uma vez se teria revelado o seu pendor para abdicar desse «mau gosto», tomando o caminho do exílio juntamente com Freud, Einstein, Remarque, e nós acrescentaríamos Thomas Mann, Brecht e muitos outros. Questão meramente acadêmica, pois a quando da subida de Hitler ao poder, Nietzsche, caso ainda vivesse, contaria 89 anos de idade e a penumbra em que o seu espírito tinha mergulhado impedi-lo-ia de tomar consciência da catástrofe que se tinha abatido sobre a Alemanha. Todavia Proença conclui pela afirmativa, baseado no conceito que dele tem, alguém que não conhecia o meio termo, alguém que constantemente sente a necessidade do antagonismo e que, por isso, admirou e desprezou Schopenhauer, amou e odiou Wagner. Apresenta-no-lo igualmente como desafiando, no seu linguajar, o senso comum, o sentido ordinário da linguagem, a linguagem do pensamento razoável, escandalosa e paradoxalmente ⁴⁶.

Proença quase se escandaliza que o «imoralista» surja inopinadamente como pregador da moral, como profeta, como moralista e moralizador. É o imoralista enterrado na moral até à ponta dos cabelos, a falar de moral, moral de senhores, moral de escravos. Nem os senhores estão «para além do bem e do mal», o próprio Super-Homem movimenta-se dentro duma moral que não é quimera nem simples ilusão como a moral dos escravos. O confessor do imoralismo «ou está a mangar com a sociedade, ou perdeu o uso da razão» ⁴⁷. Como então adquiriu Nietzsche jus ao epíteto de imoralista? Proença elucida-nos que foi primeiramente porque negou ser o homem o tipo superior, o homem bom, benévolo e caritativo; depois porque negou à moral tradicional de cunho cristão foros de verdade, e isto porque surge como «insurreição contra a vida». A moral cristã «corrompeu a humanidade. Aos valores da decadência chamou ela os valores superiores» ⁴⁸. Ela é responsável pela inversão e transmutação dos valores. Proença nega a Nietzsche o direito ao nome de imoralista, porque, na sua óptica, imoralista é aquele que consegue esquivar-se para fora de toda a moral e não aquele que tão somente se insurge contra a falsificação da moral. O imoralismo nietzschiano, segundo ele, não é uma insurreição contra a moral, mas «uma insurreição em nome da moral». Estamos ainda perante as múltiplas contradições que Proença descobre em Nietzsche, as quais, longe de levarem a um divórcio Apolo-Dionysos, concretizam uma união *contra naturam*, pois, se as características de ambas as doutrinas se degla-

diam por vezes ao longo da obra, também não raro se fundem e se justapõem.

É flagrante, o que deixámos exposto dá disso testemunho cabal, o diálogo crítico profundo mantido por Proença com parte da obra e do pensamento nietzschianos. Esse diálogo traduz-se numa dialéctica de fascínio e de distanciamento. Fascínio por determinadas componentes de forma e de conteúdo da obra de Nietzsche, distanciamento de certas doutrinas aí explanadas, concretamente a do Eterno Retorno. Nem outra coisa seria de esperar. Como acontece com qualquer pensador ou literato que passa para o papel o produto das suas reflexões, também a produção escrita de Proença é plasmada e determinada, até certo ponto, pelo seu «ethos» literário e filosófico. Nietzsche, que Proença leu com «sim-pathia», faz parte desse «ethos».

Ao lermos Proença, e ao depararmos com o estilo imagístico e aforismático de seus escritos, temos a impressão de ter entre mãos alguma passagem da *Gaia Ciência*, do *Crepúsculo dos Idolos* ou do *Assim falava Zaratustra*. No volume II das suas *Páginas de Política* Proença escreve no próêmio intitulado *AO FUTURO*:

Quando novamente meter à água a minha galera festonada de giestas, é para as praias do teu Reino, douradas do sol da manhã, que eu quero encaminhar a minha proa! ⁴⁹.

No trecho intitulado «*Das Kind mit dem Spiegel*» [A criança com o espelho] do *Also sprach Zarathustra* vamos encontrar o profeta, pletórico de euforia, tomar um rumo idêntico:

Wie ein Schrei und ein Jauchzen will ich über weite Meere hinfahren bis ich die glückseligen Inseln finde, wo meine Freunde weilen. ⁵⁰

Como um grito e uma exclamação de júbilo quero fazer-me ao mar largo até encontrar as Ilhas Felizes onde estão os meus amigos.

Ao interrogar-se «se os padres serão realmente cocainizantes do espírito» ⁵¹ fácil se torna supor que Proença tivesse já lido a resposta dada por Nietzsche no seu *Anti-Cristo*: «*der Priester (...)* dieser Verneiner, Verleumder, Vergifter des Lebens von Beruf» ⁵². [«O padre, esse negador, esse caluniador, esse envenenador da vida por profissão»].

Ouçamos mais uma vez Proença, agora falando da crença, do ateísmo e do agnosticismo:

Os crentes serão, pois, os cavaleiros das consolações adormecedoras e das promessas longínquas, mas os ateus e os agnósticos são os solda-

dos da linha dos bens terrenos, formando em quadrado para o reino da justiça neste mundo⁵².

Nietzsche, por sua vez, chama aos crentes *Hinterweltler* [visionários do além] e dá da sua crença e deles próprios uma imagem coincidente:

*Leiden war's und Unvermögen — das schuf alle Hinterwelten...
Einen neuen Stolz lehrte mich mein Ich, den lehre ich die Menschen:
nicht mehr den Kopf in den Sand der himmlischen Dinge zu stecken,
sondern frei ihn zu tragen, einen Erden-Kopf, der der Erde Sinn schafft!...*

*Kranke und Absterbende waren es, die verachteten Leib und Erde
und erfanden das Himmlische und die erlösenden Blutstropfen...⁵³*

Foi o sofrimento e a incapacidade que criou todos os aléns... O meu Eu ensinou-me um novo orgulho que eu ensino aos homens: não esconder mais a cabeça na areia das coisas celestes, mas levantá-la altiva, uma cabeça terrena que cria o sentido da terra!...

Foram os doentes e os moribundos que desprezaram o corpo e a terra, que inventaram o céu e as gotas de sangue redentoras...

Em «O Evangelho contra o Evangelho e o Mundo Cristão contra o Cristianismo»⁵⁵, Proença reconhece que, como tipo ele se aproxima do *Anti-Cristo* de Nietzsche, obra que classifica de mais acabada, mais tersa e mais viril, a qual, na sua maneira de ver, «em força e em unidade de pensamento», talvez exceda a *Origem da Tragédia* e as *Considerações Intempestivas*. Falando do cristianismo como doutrina do sacrifício, compara a atitude cristã da dádiva à atitude do próprio sol tal como nos é apresentado no hino zaratústrico, dando-se em luz e em calor sem nada esperar de retorno. E quando no-lo apresenta como «doutrina da longa, paciente e infinita Vingança», é ainda a Nietzsche que recorre, para o comparar ao evangelho nietzschiano da «moral dos senhores». As palavras de Cristo: «sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas» — «misericórdia quero, e não sacrifício» — «que cada um tome a sua cruz» — Proença prefere as que Nietzsche coloca na boca de Zarathustra classificando-as de belas:

Má recompensa se dá ao mestre quando se fica sempre seu discípulo. Porque não vos decidis a arrancar-me a coroa? Tendes por mim veneração; mas que sucederia se a vossa veneração de um dia viesse ainda a terra? Cuidai em que não sejais fulminados por uma estátua. Dizeis

que creis em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra! Vós sois os meus crentes: mas que importam todos os crentes! Ainda vos não havíeis procurado: por isso me encontrastes. Assim fazem todos os crentes... Por isso vos conjuro que me percais e vos encontreis; e só quando me tiverdes todos perdido, é que eu vos procurarei de novo⁵⁶.

Essa preferência justifica-a Proença por considerar estas palavras como transmissoras da «liberdade e da autonomia que pregava Zaratustra, em oposição ao amor e adoração de si próprio imposto por Cristo como uma obrigação universal»⁵⁷. Fala finalmente da necessidade de expurgar os Evangelhos de tantas «contradições e tantas monstruosidades morais» convivendo lado a lado com «tanta grandeza» e com «tanta pureza», «não, como queria Nietzsche, ou queria dá-lo a entender, para nos colocarmos «além do bem e do mal», mas para nos colocarmos para além de todo o mal que ainda haja no evangelho de Jesus»⁵⁸.

No seu *Assim falava Zaratustra* Nietzsche põe um velho papa a conversar com Zaratustra, na solidão da floresta, sobre a morte de Deus e coloca-lhe nos lábios as seguintes palavras:

*Oh Zarathustra, du bist frömmere als du glaubst, mit einem solchen Unglauben!*⁵⁹

O Zaratustra, com tal incredulidade, é mais piedoso do que o que julgas!

É o tema da fé metafísica e da pura essência da moralidade mais heróicas quando está ausente a fé teológica. Num artigo intitulado «O problema religioso» e publicado na *Seara Nova* (n.º 19, 3 de Novembro de 1922), R. Proença pega no mesmo tema desenvolvendo-o. Defende uma ética sem motivações religiosas, instituindo essa ausência como condição *sine qua non* para uma verdadeira moral. Segundo ele só existe a moralidade pura onde existe a crença na inexistência de Deus e a rejeição de vida eterna bem como de todas as sanções futuras ligadas a essa ideia. É também isso o que Zaratustra proclama:

*Ich liebe die, welche nicht erst hinter den Sternen einen Grund suchen, unterzugehen und Opfer zu sein: sondern die sich der Erde opfern, dass die Erde einst des Übermenschen werde*⁶⁰.

Amo aqueles que não procuram primeiro atrás das estrelas uma razão por que sucumbem e por que são vítimas: mas se oferecem à terra para que ela se torne um dia a terra do Super-Homem.

Nesse mesmo artigo Proença afirma que pediria ao filho, caso o tivesse, para se não inebriar com o ópio das religiões e para deixar «aos outros o seu sonho de *haschich* — aos outros que não têm a viril coragem de olhar a verdade de frente, e de se sujeitar à prova». Quando no mesmo trabalho afirma que a atitude ateuista «é a mais alta maroma erguida no espaço para exigir do homem os mais belos milagres de equilíbrio», estava com certeza a pensar na maroma do funâmbulo que ia exhibir-se na praça da cidade e onde uma grande multidão se havia congregado para assistir ao espectáculo e à qual Zarathustra anuncia o Super-Homem. Tinha também presente «essa corda estendida entre o animal e o Super-Homem» — «essa corda sobre o abismo», ao escrever que «bem e mal só têm um sentido na linha da corda estendida sobre o abismo»⁶¹.

Proença, ao afirmar que «só a plebe precisa de Deus e dos deuses» e que «O Senhor tem no ateísmo um dos mais belos timbres de nobreza», outra coisa não faz senão expor, à sua maneira, o conceito nietzschiano da «moral dos escravos» e da «moral dos senhores». Só que, enquanto Nietzsche condena a primeira, Proença considera-as ambas legítimas, como modos possíveis «de reagir perante os problemas do universo e da vida». Mais tolerante que Nietzsche, dum tolerância que nos recorda um Leibniz ou um Lessing, Proença conclui, dizendo: «Que cada um continue pois, a fazer livremente no tabuleiro da metafísica a sua aposta. Porque eu jogo no par, hei-de exigir aos outros que não joguem no impar?»⁶²

Finalmente Proença achou que no menor dos seus escritos, ou na mais vulgar das suas asserções, imperioso se tornava fazer constantes referências ao autor da *Aurora* ou recorrer ao apoio da sua doutrina. Assim, referindo-se ao livro de Jaime Cortesão *A Arte e a Medicina — Antero de Quental e Sousa Martins*, escreve: «O próprio Nietzsche — de ordinário tão profundo, tão original — não escapou a esta influência perniciosa do intelectualismo. Na sua segunda fase, afasta-se de Dionysos, para se aproximar mais de Sócrates»⁶³.

Concluindo, de todos os pensadores portugueses que conhecemos e que leram Nietzsche é Proença aquele que mais o cita, que mais dele se ocupou, que mais o aprova, que mais o repele, que mais se entusiasmou pelo seu pensamento. Fá-lo, porém, com espírito crítico e não numa atitude de seguidismo descomprometido. Familiarizado com o pensamento nietzschiano, não por interposta pessoa, mas

através da leitura aturada do original alemão, descobre aí um Nietzsche «fundador duma irmandade de espíritos autenticamente livres, voz isolada, que, no meio duma sociedade cada vez mais orientada para a massa, proclamava o valor do indivíduo»⁶⁴. É isso que o fascina em Nietzsche. Não foi propriamente o ideário, mas a atitude vitalista, a afirmação da vida, atitude e afirmação mais eloquentemente expressas na doutrina retornista. Daí a grande atenção que Proença lhe dedicou. Também ele pretendeu ser, na desfasada sociedade portuguesa das primeiras décadas deste século, o arauto do valor do indivíduo, empenhado na maiêutica duma comunidade de espíritos livres. Foi essa consonância ético-emotiva, essa semelhança de atitudes que aproximaram Proença do autor de *Zaratustra*.

Proença e Nietzsche, dois pensadores que filosofam «com o martelo», declarando guerra sem tréguas a todos os ídolos, fazendo desmoronar as velhas verdades, erigindo outras novas, elas ídolos também.

Conscientes de não termos sido exaustivos, pretendemos com o presente trabalho revelar esta faceta marcante da obra e do pensamento proençanos e dar um primeiro contributo para a história da recepção de Frederico Nietzsche em Portugal.

NOTAS

1. Sobre a recepção de Nietzsche em Portugal já se debruçou, embora duma maneira sumária, José Carlos Seabra Pereira em dois artigos publicados no *Primeiro de Janeiro*, 6-VII-1977 e 3-VIII-1977, e intitulados, respectivamente, «Nietzsche e o Estetismo do fim do século» e «Sobre certa recepção literária de Nietzsche». No segundo destes dois artigos Seabra Pereira refere Henrique de Vasconcelos e Eugénio de Castro como primeiros autores que fazem referência a Nietzsche, nomeadamente em *O Ideal*, Porto, n.º 7, 27-12-1894, e n.º *Instituto*, Coimbra, vol. XLII, 1895, p. 63.

2. Cf. M. Fernandes Laranjeira «Henrik Ibsen e Max Nordau» in *A Arte*, Porto, n.ºs 2-3, Nov.-Dez. 1899 e 4-5, Jan.-Fev., pp. 35 e segs. e «Augusto Santo — Estudo psycho-esthetico» in *A Revista*, Porto, n.º 1-Julho, 3-Set., 4-Out. e 6-Dez., 1903.

3. *Idem*, art. cit., in *A Revista*, n.º 4, 15-10-1903, p. 76. Sobre a posição crítica de Manuel Laranjeira em relação a Nordau leia-se ainda Manuel Laranjeira «O Pessimismo Nacional» in *O Norte*, Porto, 24-12-1907 e Bernard Martocq *Manuel Laranjeira et son Temps (1877-1912)*, Fondation Calouste Gulbenkian — Centre Culturel Portugais, Paris, 1985, p. 315.

4. Cf. Geneviève Bianquis, *Nietzsche en France*. Paris, 1929, p. 5.

5. Cf. Udo Rukser, *Nietzsche in der Hispania*, Francke Verlag Bern und München, 1962, p. 358. Sobre a recepção de Nietzsche em Espanha leia-se ainda Gonzalo Sobejano, *Nietzsche en España*, Ed. Gredos, Madrid, 1967.

6. Traduções respectivamente de Araújo Pereira e de Carlos José de Menezes. Guimarães & C.ª — Editores, Lisboa.

7. Raul Proença «Os letrados e a democracia», *Seara Nova*, n.º 120, 24-5-1928, in *Raul Proença, Antologia* — 1. Prefácio, selecção e notas de António Reis. Ministério da Cultura. Lisboa, 1985, p. 273.

8. Cf. Joel Serrão, «Aproximação do pensamento de Raul Proença», in *Seara Nova*, n.º 1512, Out. 1971, p. 23.

9. José Rodrigues Miguéis, *Uma flor na campo de Raul Proença*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1985, p. 12.

10. António Reis, *Prefácio*, in *Raul Proença — Antologia* — 1, p. 21.

11. O manuscrito, que consultámos, encontra-se na Área de Espólios da Biblioteca Nacional, com a cota Esp. E7/2438. Soubemos pelo próprio António Reis, a quem foi cometida a tarefa de preparar a edição do manuscrito de Proença, que a transcrição dos oito primeiros capítulos da obra, e que constituirão o 1.º volume, foi por ele entregue à Biblioteca Nacional, para publicação, em Fevereiro de 1985. Estava o nosso trabalho já no prelo, quando tomámos conhecimento da publicação do 1.º volume da obra de Proença. de Raul Proença», *Seara Nova*, Porto, 1949, p. 19.

12. *Apud* Sant'Anna Dionísio, «O Pensamento Especulativo e Agente de Raul Proença», *Seara Nova*, Porto, 1949, p. 19.

13. Jaime Cortesão, «Afirmção da Consciência Nacional», in *Atlântida*, Lisboa, vol. III, 1916, p. 973.

14. Raul Proença, «O Eterno Retorno nos antigos e nos modernos», in *A Águia*, 2.ª série, n.ºs 65-66, 1917, p. 209.

15. Na *Seara Nova* Raul Proença publicou «Para um Evangelho duma acção idealista no mundo real», 1928, p. 363.

16. Raul Proença, «Estudo sobre o Eterno Retorno em Nietzsche e na história da filosofia em geral», *apud* Sant'Anna Dionísio, *op. cit.*, pp. 19-24.

17. Na resenha elaborada por António Reis, *op. cit.*, p. 295, nota 17, não é mencionada a publicação do capítulo II.

18. Cf. *Atlântida*, Lisboa, vol. VII, n.º 27, 1918, pp. 370-379 e *Revista de Portugal*, Coimbra 1940, n.º 9, pp. 56-104.

19. Cf. *Seara Nova*, Lisboa, n.ºs 1230-31, 1951, pp. 565-569.

20. Cf. *A Águia*, Porto, 1917, n.º 64, p. 151 e n.ºs 65-66, p. 207.

21. Cf. *Seara Nova*, n.º 771, 25-5-1942, p. 229.

22. Raul Proença, *Páginas de Política*, 2.ª ed. *Seara Nova*, 1972, p. 58.

23. Raul Proença, «Sobre a existência de Deus e a lealdade de consciência», in *Seara Nova*, n.º 40 Jan. 1924, p. 66.

24. *Idem.*, «O Eterno Retorno», in *Revista de Portugal*, n.º 9, p. 57.

25. Esta edição iniciou-se em Leipzig, em 1894, e prolongou-se ao longo de mais de três décadas. A pouca confiança que ela nos deve inspirar provaram-na à sociedade Karl Schlehta e Giorgio Colli nos seus trabalhos sobre Frederico Nietzsche e a sua obra. Ambos mostraram, com provas irrefutáveis, que na edição em causa os manuscritos que lhe serviram de base foram sujeitos a uma manipulação escandalosa por parte de Elisabeth Förster-Nietzsche, guiada pela ideologia nacional-socialista, à qual tinha aderido de alma e coração, e pelo empenho em que não fossem desdourados os pergaminhos da família Nietzsche. A propósito das simpatias de Elisabeth pelo nacional socialismo, convém lembrar que o seu primeiro encontro com Adolfo Hitler se deu em Fevereiro de 1932, em plena campanha para as eleições presidenciais, no Weimarer Nationaltheater, a quando da estreia do drama *Campo di Maggio* (em alemão *Hundert Tage*), da co-autoria de Mussolini e cuja figura central é Napoleão, da particular admiração tanto de Nietzsche como de sua irmã. Hitler visita-a no seu camarote e presenteia-a com um ramo de rosas vermelhas. O que Elisabeth pensa de Hitler e da sua acção ficamo-lo a saber através duma carta que, um ano mais tarde, ela dirige ao Mecenas dos Arquivos Nietzsche, o sueco Ernst Thiel:

«*Wir leben eigentlich in einem Rausch der Begeisterung, weil eine so wundervolle, geradezu phänomenale Persönlichkeit, unser herrlicher Reichskanzler Adolf Hitler an der Spitze unserer Regierung steht... Plötzlich haben wir nun das Eine Deutschland, nach welchem die deutschen Dichter seit Jahrhunderten so sehnsüchtig Verse machten, und wir alle so sehnsüchtig danach ausschauten. Ein Volk, ein Reich, ein Führer.*»

«Vivemos autenticamente numa embriaguez de entusiasmo, porque uma personalidade tão admirável, francamente fenomenal, o nosso magnífico chanceler Adolfo Hitler se encontra à frente do nosso governo... De repente temos finalmente a Alemanha *Una*, pela qual, nos seus versos, ansiávamos, há séculos, os poetas alemães e pela qual todos nós esperávamos tão ansiosamente. Um povo, um *Reich*, um chefe.» (*Apud* H.F. Peters, *Zarathustras Schwester, Fritz und Lieschen — ein deutsches Trauerspiel*, Kindler Verlag, München 1983, p. 298).

26. Cf. Raul Proença, «O Eterno Retorno», in *Revista de Portugal*, n.º 9, p. 61.

27. *Idem, ibidem*, p. 64.

28. *Idem, ibidem*, p. 75.

29. *Idem, ibidem*, p. 79 em nota.

30. Este capítulo, que geralmente é traduzido por «O Canto da meia-noite», tem figurado nas obras de Nietzsche com o título de «Das Trunkene Lied». Porém na edição crítica de Giorgio Colli e Mazzino Montinari traz o título de «Das Nachtwandler-Lied». Cf. Friedrich Nietzsche, *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. dtv — de Gruyter. Berlim 1980. Band 4, p. 395. (Doravante: *Nietzsche-Werke*).

31. Raul Proença, «O Eterno Retorno», in *Revista de Portugal*, n.º 9, p. 81.

32. *Idem, ibidem*, p. 85.

33. *Idem, ibidem*, p. 85.

34. Giorgio Colli, «Nachwort» in *Nietzsche-Werke* 4, p. 411.

35. Raul Proença, «O Eterno Retorno», in *Revista de Portugal*, n.º 9, p. 86.

36. *Idem, ibidem*, p. 89.

37. *Idem, ibidem*, p. 90.

38. *Idem, ibidem*, p. 93.

39. *Idem, ibidem*, p. 95.

40. *Idem*, «As formas frustes do Eterno Retorno» in *Seara Nova*, n.º 1230-31, 18 e 25 de Agosto 1951, p. 566.

41. Parece-nos ser o caso de Giorgio Colli, autor da última edição crítica das obras de Nietzsche. Cf. Giorgio Colli, «Nachwort» in *Nietzsche-Werke* 4, p. 416.

42. Em nota Dionísio apela para o testemunho de «um amigo íntimo de Raul Proença». Esse amigo é António Sérgio, o qual se defende, escrevendo: «sou eu aquele indivíduo a que Sant'Anna se refere numa nota: e desejo declarar, a propósito, que, se eu disse algum dia qualquer coisa de onde se concluiu que Raul Proença acreditava no Eterno Retorno — houve má interpretação dos meus dizeres, ou infidelidade ao meu próprio pensar, à realidade dos factos. (António Sérgio, «Nota sobre o artigo de Raul Proença», in *Seara Nova*, n.º 555, 2-4-1938, p. 205.)

43. *Nietzsche-Werke* 6, p. 63.

44. Raul Proença, «As contradições de Nietzsche», in *Seara Nova*, n.º 771, 1942, p. 229.

45. *Idem, ibidem*, p. 231.

46. Cf. Raul Proença, art. cit., p. 232.

47. *Idem, ibidem*, p. 233.

48. *Idem, ibidem*.

49. Raul Proença, *Antologia* — 1, prefácio, selecção e notas de António Reis, p. 41.

50. *Nietzsche-Werke* 4, p. 106.

51. Raul Proença, «Sobre a existência de Deus e a lealdade de consciência», *Seara Nova*, n.º 40, Jan. 1924, p. 64.

52. *Nietzsche-Werke* 6, p. 175.

53. Raul Proença «Sobre a existência de Deus e a lealdade de consciência», in *Seara Nova*, n.º 40, p. 65.

54. *Nietzsche-Werke* 4, pp. 36-37.

55. Raul Proença, «O Evangelho contra o Evangelho e o Mundo Cristão contra o Cristianismo», in *Seara Nova*, n.º 648, 13-1-1940, p. 203.
 56. *Apud* Raul Proença, *ibidem*, pp. 205-206.
 57. *Idem, ibidem*, p. 206.
 58. *Idem, ibidem*, p. 207.
 59. *Nietzsche-Werke* 4, p. 325.
 60. *Idem, ibidem*, p. 17.
 61. Raul Proença, «O problema religioso», in *Seara Nova*, n.º 19, 3-11-1922, p. 106.
 62. *Idem, ibidem*, p. 107.
 63. *A Águia*, n.º 5, 1911, p. 15.
 64. H. F. Peters, *op. cit.*, p. 169.

ZUSAMMENFASSUNG

FRIEDRICH NIETZSCHE UND RAUL PROENÇA ASPEKTE DER REZEPTION

Die vorliegende Arbeit beschäftigt sich zuerst mit den Anfängen der Rezeption des Werks von Friedrich Nietzsche in Portugal, die unter dem Einfluß der Kritik von Max Nordau überwiegend negativ bestimmt war.

Aus den Rezipienten Nietzsches ragt Raul Proença (1884-1941) hervor, der sich in seinen Schriften mit den Gedanken des Einsiedlers von Sils-Maria kritisch auseinandersetzt. Proença betrachtet die ewige Wiederkehr als den Kern der ganzen Philosophie; deshalb hat er ein Werk in 13 Kapiteln über dieses Thema geschrieben, aus dem nur kurze Auszüge veröffentlicht worden sind. Auf diese Auszüge gestützt versuchen wir auch den kritischen Dialog zu analysieren, den Proença mit den Lehren Nietzsches geführt hat, und die Natur und den Umfang desselben Dialogs festzustellen. Dadurch beabsichtigen wir, einen ersten Beitrag zur Geschichte der Nietzsche-Rezeption in Portugal zu liefern.